

PMS	FMLI
BIBLIOTECA	
Jornal	1 TARDE
Data	7/06/83
Caderno	LOCAL 'B'
Seção	
Assunto MEIO AMBIENTE - POLUIÇÃO - AMBIENTAL	

O mar, quando quebra na praia...

... Poluído, poluído. Lixo e esgotos desmancham o prazer das pessoas que buscam nas praias o lazer do fim de semana



MANUELA BARROS

Dia de sol, diversão de baiano é ir à praia, relaxar na areia e tomar um banho de mar. Mas o prazer desse programa pode ser desmanchado por um intruso — a poluição. A maioria das praias de Salvador é considerada própria para banho, de acordo com o CRA — Centro de Recursos Ambientais. Mas a situação ainda é vergonhosa em alguns pontos, apesar de o governo do Estado investir em projetos de despoluição.

A promessa de praias limpas veio com o Programa Bahia Azul, iniciado em 1995. O objetivo era ampliar a rede de esgotos de Salvador, que há seis anos só contemplava 26% da população. O restante, sem infra-estrutura de esgotamento sanitário, mandava seus resíduos diretamente para rios e canais, verdadeiros lixões que desembocam em muitas praias. A água do mar tornava-se o depósito de grande parte do esgoto da cidade.

Hoje, após oito anos de Bahia Azul, o governo tenta mostrar que houve melhora na situação de balneabilidade das praias. Mas o que é divulgado nem sempre representa a realidade. Em 1996, tomando por base 15 praias de Salvador, entre São Tomé de Paripe e Stella Maris, 11 eram consideradas impróprias para o banho. No ano passado, apenas duas tiveram essa classificação — Cantagalo e Boca do Rio.

"A melhora foi sensível. Fazemos a coleta de amostras em pontos da orla toda semana, e quase não há variação de resultados", observou José Antônio Lacerda, coordenador de avaliação ambiental do CRA. Porém, o total de locais de coleta é muito inferior ao número de praias, em Salvador. No Subúrbio Ferroviário, o CRA colhe amostras

nas praias de Bogari e São Tomé de Paripe, passando por Itacaranhã. Entre elas, há 11 km de orla. E quem mora nessas áreas sabe muito bem que a poluição é uma realidade. São praias impróprias que não constam nos boletins do CRA. Se constassem, a conclusão sobre a qualidade das praias seria diferente.

TRABALHO INCOMPLETO — A poluição não é exclusividade das praias do subúrbio. Quem costuma frequentar o outro lado da orla, nota muitos pontos em que há mau cheiro e lançamento de esgoto na água, como Boca do Rio, Costa Azul, Pituba. O Programa Bahia Azul já contemplou algumas bacias problemáticas que desembocavam nas praias. Mas o serviço ainda não está completo em quase nenhuma delas. Quando a Embasa anuncia que a rede de esgotamento foi feita numa determinada área, isso não significa que o trabalho tenha sido finalizado.

Analisando dados da Embasa, que gerencia o Bahia Azul, verifica-se que muitas residências ainda mandam seus resíduos para a água do mar, mesmo em áreas já alcançadas pelo programa. Isso porque, mesmo em locais onde a rede coletora, que desvia o esgoto das águas dos rios e do mar, já foi colocada, nem sempre todos os moradores aderem à idéia. Para que o serviço tenha êxito, todas as residências devem se ligar à rede. Caso contrário, continuarão mandando detritos para o mar.

Os números indicam que, das 233.160 ligações domiciliares previstas em toda a cidade, foram realizadas 157.566. Nas bacias do Médio Jaguaribe e Baixo Jaguaribe, que desembocam em praias como a Terceira Ponte, apenas 1/3 dessas ligações foi feito. Na Bacia de Pituba, que leva poluição para a praia da Boca do Rio, através do Rio das Pedras, mais de três mil residências ainda não foram ligadas à rede.

Na bacia Barra/Pituba/Lucaia, que passa por bairros nobres da cidade, ainda restam cerca de 15 mil ligações a serem feitas. O problema fica pior se forem verificadas

as ligações domiciliares do subúrbio. Na Bacia de Periperi, estão previstas 17.520 ligações. Apenas 3.300 foram feitas. Na Bacia do Lobato, somente 1/6 desse trabalho foi realizado. Apenas nas bacias de Itapuã (cartão-postal da cidade), Araújo (que abriga área militar) e Comércio é que o Bahia Azul pode afirmar que o trabalho está concluído.

Como motivo para demora na conclusão das obras, a Embasa, por meio de sua assessoria de Comunicação, justifica que há dificuldade em conscientizar as pessoas da necessidade de se fazer a ligação domiciliar. "Em muitos locais há invasões em que não é fácil se chegar a todos os moradores para que eles se integrem à rede. Seria bom que eles ligassem para o 0800-555195 para pedirem a ligação", explicou Carlos Alberto Reis, assessor de Comunicação do órgão.

Porém, para quem acompanha o andamento do Bahia Azul, o problema vai muito além da simples falta de consciência. O Fórum de Controle Social do Bahia Azul, que reúne grupos ambientalistas, o Sindae (Sindicato dos Trabalhadores de Água e Esgoto), entre outros, faz críticas à atitude do programa em relação às populações que ele deveria beneficiar.

LIGAÇÃO — "O problema não é falta de consciência do povo. É falta de dinheiro", opinou Antônio Emílson de Carvalho, diretor executivo do Sindae. Quem faz a ligação domiciliar deve pagar a sua instalação (com orçamento variado que pode ser pago em até 60 meses) e manutenção mensal (que pode ser 80% ou 45% da conta de água, a depender do tipo de ligação escolhida). "Se a pessoa mal tem dinheiro para comer, dificilmente vai querer gastar com essa ligação. O valor desse serviço deveria ser repensado", pontuou Emílson.

Ele completa dizendo que não há como ter consciência ambiental vivendo numa situação de miséria. O diretor do Sindae ainda diz que a população de baixa renda rejeita as obras do Bahia Azul.



ANTÔNIO QUEIROZ

Dona de belíssimo litoral, Salvador perde para os esgotos praias como a de Itacaranhã